

EDITORIAL

Esta é uma edição especial da revista **Paisagem e Ambiente: ensaios**. Dedicada ao XI Encontro Nacional de Ensino de Paisagismo em Escolas de Arquitetura no Brasil (ENEPEA) – ocorrido em Campo Grande, na Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS), de 29 de outubro a 2 de novembro de 2012 –, traz uma seleção de artigos apresentados na oportunidade, selecionados dentre os trabalhos mais emblemáticos, reflexos de procedimentos de pesquisa importantes em andamento no país e, também, de reflexões sobre o ensino de Paisagismo.

Consideramos ser esta uma oportunidade importante para divulgar tais trabalhos, destinados a permanecer escondidos e restritos em CDs de divulgação do evento distribuídos aos participantes. Todos eles foram objeto de três crivos: da comissão científica do ENEPEA, da coordenação do evento e da comissão científica da revista, que escolheu artigos com temáticas inéditas em relação àquelas até aqui apresentadas.

Por outro lado, esta também é uma oportunidade de fazer um balanço do ensino e da pesquisa em Paisagismo no Brasil. O ensino tem crescido com a expansão das escolas de Arquitetura e Urbanismo no país em 2014, chegando quase a 300 unidades, distribuídas especialmente nas Regiões Sul e Sudeste – mas não de modo pleno, como seria desejável, já que está limitado a um pequeno número de disciplinas; quando não, diluído em disciplinas integradas de arquitetura, urbanismo e paisagismo.

Tal fato, aliado à falta real de professores especializados em ensinar Paisagismo, consiste em um dos dois empecilhos principais para o real crescimento do conhecimento teórico e metodológico da profissão no meio dos arquitetos e urbanistas, a quem está legalmente reservada a atribuição de fazer projetos de paisagismo.

Poucas disciplinas, muitas vezes uma só, perdida em meio a uma grade curricular complexa, com pouca carga horária, apenas poucas horas semanais, ou presente pró-forma ou diluída em uma disciplina dita integrada, em que se pretende o ensino totalizante das três disciplinas. De fato, apenas algumas poucas disciplinas alcançarão tal objetivo, a maioria apenas cumprindo de modo muito parcial o objetivo de transmitir conceitos e métodos de projeto fundamentais para o entendimento do Paisagismo. Por vezes, esses objetivos nem minimamente são alcançados, pois o Paisagismo fica limitado à construção de jardins ou praças.

Existem erros no procedimento didático vigente, pois os conteúdos de Paisagismo, para serem transmitidos de modo completo e adequado aos futuros arquitetos, urbanistas e paisagistas, necessitam ser também e primeiramente incluídos em disciplinas específicas que possam transmitir fundamentos teóricos e históricos e métodos de projeto e planejamento paisagístico.

Se para apreender conteúdos de urbanismo e arquitetura são necessárias diversas disciplinas específicas, tanto teóricas como práticas, o mesmo deveria acontecer com

o Paisagismo, mas somente em casos esporádicos isso acontece. Mesmo em escolas onde existe um bom número de disciplinas específicas – e/ou naquelas em que os fundamentos do Paisagismo são transmitidos em disciplinas integradas – o espaço, o tempo a elas destinados são, na maioria dos casos, insuficientes para transmitir os conteúdos mínimos necessários a uma formação adequada.

Paralelamente, de forma complementar, são inúmeros os cursos de extensão e especialização, oferecidos por instituições diversas, que objetivam transmitir técnicas e conteúdos de Paisagismo, assim como começam a surgir os primeiros cursos de mestrado profissionalizante em algumas instituições de ensino superior. Pode-se, em geral, dizer que uma boa formação ainda está distante de acontecer, apesar da existência de excelentes disciplinas – ora isoladas, ora sequenciadas – e da expansão dos cursos de especialização.

O quadro de crise latente fica mais nítido com a pouca disponibilidade de professores que de fato entendam do assunto e que estejam aptos a transmitir conteúdos paisagísticos adequados para a formação profissional, mesmo com o aumento constante de mestres e doutores na área e com o incremento dos projetos de pesquisa – não só de mestrado e doutorado, mas também de pós-doutorado e temáticos.

No Brasil, nesta segunda década do século XXI, são inúmeros os grupos de pesquisa que se dedicam a pesquisas focadas nas questões da paisagem, em especial em universidades públicas e confessionais nas quais existem núcleos de pesquisa e disciplinas de graduação e pós-graduação mais estruturados, onde, portanto, os conteúdos de Paisagismo podem ser e são mais desenvolvidos.

Nessas universidades, as pesquisas em paisagismo têm crescido e se desenvolvido, envolvendo as mais diversas escalas e vertentes da área – história dos jardins, projeto e planejamento de paisagismo, paisagismo no Brasil, estudos sobre a obra de Burle Marx, paisagem urbana, sistema de espaços livres, corredores verdes, parques urbanos, praças –, dando origem a um bom número de publicações (livros, artigos em revistas e apresentações em congressos e seminários).

Esse crescimento se deve em parte à expansão dos centros de pós-graduação, à formação de mestres e doutores com trabalhos na área e ao aumento dos trabalhos de pós-doutorado, tanto na forma de trabalhos individuais de pesquisa, como em projetos temáticos.

Nesta edição especial, apresentamos, na seção **Fundamentos**, extraído da conferência de mesmo nome, levada a efeito pelo autor na abertura do XI ENEPEA, o texto *Razão pública e paisagem: reflexões e subsídios teórico-conceituais para o entendimento e para a qualificação da urbanização contemporânea*, de Eugenio Fernandes Queiroga –, trabalho que é referência para a compreensão de conceitos importantes do paisagismo, como esfera pública geral e política, o papel da paisagem enquanto dimensão pública, o papel do projeto para a qualificação da esfera pública e do cotidiano. São assuntos que permitem melhor compreensão da realidade brasileira contemporânea.

A seção **Paisagem Urbana** traz o artigo *A transformação da paisagem, desenho e*

forma urbana: o PEU das vargens e as questões iniciais, de Rogerio Goldfeld Cardeman, abordando métodos de entendimento da influência da legislação urbanística na constituição da paisagem e dos espaços livres de um trecho da Barra da Tijuca, na cidade do Rio de Janeiro, e os artigos de Vicente Barcellos, Carmem Silvia Maluf, Verônica García Donoso, Mariana Valicente Moreira e João Batista de Oliveira Junior. Barcellos faz um instigante estudo sobre as novas cidades em formação na Região Centro-Oeste do Brasil e Oeste da Bahia em consequência do agronegócio. Os demais autores discutem o programa Minha Casa Minha Vida (MCMV) e os novos espaços livres em conformação na cidade de Uberaba (MG).

Três artigos compõem a seção **Meio Ambiente**. O primeiro, de Onilda Gomes Bezerra e Vera Lúcia Mayrinck de Oliveira Melo, é um estudo sobre os rios e manguezais do Recife. Paulo Renato Mesquita Pellegrino, Newton Celio Becker Moura e José Rodolfo Scarati Martins, em *Transição em infraestruturas urbanas de controle pluvial: uma estratégia paisagística de adaptação às mudanças climáticas*, discutem sobre os métodos mais convenientes de manejo das águas pluviais baseados em procedimentos paisagísticos de vanguarda. Fechando a seção, *Arborização urbana e qualificação da paisagem*, de Jussara Maria Basso e Rodrigo Studart Corrêa, faz uma avaliação térmica do impacto positivo da arborização na área central de Campo Grande (MS).

Finalizando, a seção **Ensino** mostra o trabalho de Glauco de Paula Coccoza e Fernanda Cláudia Lacerda Rocha, que discute a aplicação de exercícios gramaticais em disciplinas de Paisagismo nas cidades de Uberlândia e Fortaleza e o seu papel no aprendizado do projeto paisagístico. Em seguida, Jonathas Magalhães Pereira da Silva, Denio Benfatti, Tomas A. Moreira e Caroline K. L. Pera, introduzem questões interdisciplinares relacionadas ao Paisagismo e ao Planejamento Urbano, tendo como objeto os sistemas de espaços livres e a sua utilização como referência para a concepção da paisagem urbana.

Silvio Soares Macedo

Editor

Janeiro/2014